

FORMAÇÃO DE PROFESSORES:

um trabalho em equipe e o exercício coletivo da profissão

Cyntia de Souza Bastos Rezende

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0003-1719-6145>

Mônica Vasconcellos

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0003-2938-2121>

RESUMO

Abarcar a questão da experiência docente na tríplice dimensão dos sentidos e da intencionalidade interdisciplinar que requer cuidados de diferentes ordens, ou seja, cuidados ao relacionar os saberes da formação inicial ao espaço e aos tempos vividos pelo (futuro) professor, de modo a inspirar suas ações. Para lidar com esta complexidade, defendemos que os cursos de formação de professores possibilitem a construção, a revisão e o estudo de abordagens pedagógicas distintas, de modo articulado ao ambiente escolar. Abordagens alicerçadas em perspectivas dialógicas e colaborativas, dentre as quais destacamos a interdisciplinaridade neste estudo de caso, conforme pesquisa desenvolvida com quatro egressos do Grupo PET- Conexões de Saberes Interdisciplinar da Universidade Federal Fluminense, entre 2020 a 2022. As informações que emergiram deste percurso decorreram de análise documental, gravações em áudio do acompanhamento da pesquisadora durante as reuniões do Grupo PET, das mensagens trocadas via aplicativo de WhatsApp, do diário de campo da pesquisadora e das entrevistas narrativas realizadas com os sujeitos envolvidos, participantes do referido Grupo. Em termos metodológicos, este trabalho oferece uma contribuição que não se caracteriza em etapas rígidas de uma receita padronizada, sob o risco de perder a vitalidade e o movimento próprio de cada projeto, mas oferece pistas que podem ajudar a avançar na construção de ambientes mais humanos fundados em percursos únicos voltados ao coletivo, respeitando e valorizando diferentes saberes e possibilidades de aprendizagem. A presente pesquisa realizada durante o processo de doutoramento contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade e Escola. Formação de Professores. Grupo PET Conexões de Saberes. Projetos Interdisciplinares. Profissão Docente.

ABSTRACT

This work aims at understanding the teaching profession in its triple dimension and considering the intentionality of interdisciplinarity which demands various forms of attention, i.e., attention in connecting the knowledge acquired in the period of initial formation to the place and time where the (future) teacher lives, as a way to inspire his/her actions. In order to deal with this complexity, we defend the idea that teacher training courses should enable the construction, the review and the study of various pedagogical approaches, in articulation with the school environment. These approaches should be based on dialogical and collaborative perspectives, among which we call

the attention to the interdisciplinarity in the case study, in accordance to the research developed with the assistance of four former students of the PET Group – Connections and Knowledge, at Universidade Federal Fluminense, from 2020 to 2022. The information obtained in the process comes from the analysis of documents, the audio recordings of the research monitoring during the meetings of said PET Group, the messages exchanged via the use of WhatsApp, the researcher's field diary, and the interviews performed with the subjects involved in the process, members of the above-mentioned group. In methodological terms, this work provides a form of contribution which is not characterized by rigid steps in the process, like a recipe, running the risk of losing its vitality and the development which is characteristic to each project. However, it offers clues which might help in moving forward with the construction of more humane environments, based on unique paths towards the collective well-being, respecting and giving proper value to different forms of knowledge and learning possibilities. This research was executed during my doctorate studies and it was supported by the Coordination of Superior Level Staff Improvement – Brazil (CAPES) – Financing Code 001.

KEY-WORDS: University and School. Teacher Training. PET Group – Connections and Knowledge. Interdisciplinary Projects. Teaching Profession.

RESUMEN

Asumir la cuestión de la experiencia docente en la triple dimensión de significados e intencionalidad interdisciplinaria que requiere cuidados de diferentes órdenes, es decir, cuidados en relacionar los saberes de la formación inicial con el espacio y los tiempos vividos por el (futuro) docente, con el fin de inspirar sus acciones. Para afrontar esta complejidad, propugnamos que los cursos de formación docente permitan la construcción, revisión y estudio de diferentes enfoques pedagógicos, de manera vinculada al ambiente escolar. Enfoques basados en perspectivas dialógicas y colaborativas, entre las que destacamos la interdisciplinaria en este estudio de caso, según una investigación desarrollada con cuatro graduados del Grupo PET - Conexiones de Saberes Interdisciplinaria de la Universidad Federal Fluminense, entre 2020 y 2022. Las informaciones que surgieron de este recorrido se realizaron por medio de análisis de documentos, grabaciones de audio de los acompañamientos del investigador durante las reuniones del Grupo PET, mensajes intercambiados a través de la aplicación WhatsApp, diario de campo del investigador y entrevistas narrativas realizadas a los sujetos involucrados, participantes de dicho Grupo. En términos metodológicos, este trabajo ofrece una contribución que no se caracteriza por pasos rígidos de una receta estandarizada, a riesgo de perder la vitalidad y el movimiento inherentes a cada proyecto, sino que ofrece pistas que pueden ayudar a avanzar en la construcción de entornos más humanos. por caminos singulares dirigidos al colectivo, respetando y valorando los diferentes conocimientos y posibilidades de aprendizaje. Esta investigación realizada durante el proceso doctoral fue apoyada por la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamiento 001.

PALABRAS CLAVE: Universidad y Escuela. Formación de Profesores. Grupo PET Conexiones de Saberes. Proyectos Interdisciplinarios. Profesión Docente.

INTRODUÇÃO

Analisar oportunidades formativas pode cooperar com a construção de caminhos, atribuir significados e agregar valores que contribuirão para a formação da identidade profissional do futuro professor. Esses caminhos ajudarão a resgatar o passado e a ressignificar o vivido. Afinal, o que está presente e faz parte de nós é o sentido, ou o significado que atribuímos àquilo que nos toca, que nos acontece (Larrosa, p. 2022). Além disso, sabemos que não existe uma realidade única, mas sim, várias maneiras de enxergá-la, fruto das experiências de cada pessoa. Por isso, não somos simplesmente o resultado daquilo que os outros fizeram conosco, mas o resultado das nossas escolhas diante das oportunidades que tivemos (Sartre, 1973).

Em nossa compreensão, é possível ressignificar experiências, reaprender, transformar-se, crescer. Um dos caminhos para isso acontecer é permitir, incentivar e se dispor a ouvir a fala e os pontos de vista de cada um de nós, alunos/as e professores/as. Neste sentido, a escrita deste artigo foi formadora para mim, pela oportunidade de acompanhar as experiências vividas e refletidas por um Grupo de licenciandos/as e a sua Tutora na Universidade Federal Fluminense.

Pesquisando o sentido formativo dessas experiências, identificamos situações que potencialmente nos oferecem pistas sobre o trabalho desenvolvido por este Grupo e a sua Tutora nos seus quase 10 anos de existência dentro da universidade. Desse modo, o risco deste bordado foi apresentado a partir das narrativas dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa como um dispositivo que teve como fio condutor o momento de formação entrelaçado nas vozes que a sentiram e/ou vivenciaram. Uma narração que, com os seus deslocamentos e repertórios, construiu junto e a partir do outro, modos outros de habitar à docência (Bragança, 2023). Por isso, neste artigo, encadeamos acontecimentos relacionados às experiências de formação, à prática profissional e também à vida dessas pessoas.

Ao partilharem oralmente suas experiências, os egressos do Grupo relembrou suas trajetórias de vida, a escolha da docência como profissão, as

experiências da formação acadêmica e as expectativas dirigidas à profissão, conforme apresentamos nas subcategorias a seguir.

O TEMPO VIVIDO PELA IMAGEM DE UM BORDADO: OS COMIGOS DE MIM

Uma narrativa chama muitas outras, traz lampejos da memória, fios que se articulam na composição de tramas entre o que planejamos e o que se desdobrou em ações, mas também acontecimentos. Um dos desafios consiste em escolher o que narrar, o que se deseja apresentar, implicando selecionar do mundo da ação os cenários, as discordâncias, as concordâncias, assumindo a tessitura da intriga produzida, que pode ser lida e recriada pelo leitor (Bragança, 2023; Ricoeur, 2010).

Os diálogos aqui apresentados, ocorreram em abril de 2023, durante uma Roda de Conversa com quatro egressos do Grupo PET-Inter permitindo que as experiências vivenciadas, durante e após a pandemia, pudessem ser contadas/compartilhadas. Na ocasião, foi organizada uma Roda de Conversa presencial no dia 10 de abril, entre 9h e 14h, no bloco D, sala 422, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ. Dentre os quatro convidados, apenas duas egressas do PET, Gabriela e Ana Carolina, conseguiram participar. Os outros dois egressos, Júlia e Diego, por motivos profissionais, participaram da segunda Roda de Conversa ocorrida no dia 24 de abril, entre 18h e 21h, via aplicativo *Google Meet*®.

Os encontros com os egressos, tanto presencial como remoto, nos permitiram perceber a importância da interação de perto, recheada de abraços e afetos. Esta foi a sensação sentida na Roda de Conversa presencial. Na Roda de Conversa remota, houve uma boa interação, mas o cansaço e o distanciamento estavam presentes. Havia um espaço que nos distanciava, sem falar na qualidade da Internet que, por duas vezes, teve o sinal interrompido, exigindo que recomeçássemos a conversa de onde havíamos parado.

Nas duas oportunidades, tanto na conversa presencial como na remota, iniciamos o encontro agradecendo aos participantes por terem reservado um

tempo para a nossa pesquisa, retomamos, brevemente, as explicações que fizemos, na ocasião do convite, a respeito da finalidade do encontro. Feito isso, apresentamos o vídeo que produzimos com imagens de momentos vivido pelos egressos, enquanto estiveram no Grupo PET, para que pudessem rememorar seus percursos. Intencionadas em proporcionar um momento de encantamentos, afetos e reflexões entre pessoas que durante um considerável período de tempo viveram experiências formativas comuns, formulamos as questões abordadas durante a Roda de Conversa tomando o cuidado de organizá-las de modo que “não sabíamos como entraríamos e nem como sairíamos, pois somos envolvidos por movimentos que nos tomam e (trans)formam” (Bragança, 2023, p. 10). Assim, de modo gradativo, os/as participantes foram convidados/as a (re)encontrar-se consigo mesmos, com as suas recordações, suas imagens e com os outros, conforme apresentamos, a seguir, ao solicitar que comentassem sobre o que viram e sentiram enquanto o vídeo era exibido.

A petiana Gabriela, em seu relato, relembra:

*Então, assim, eu acho que **o maior sentimento quando eu vejo aquele vídeo, é de uma época que eu acho que, eu estava começando a virar professora. E por que eu digo isso? Porque assim, eu sempre toco num ponto quando eu falo do PET que até eu entrar no PET, eu não tinha me achado na minha graduação. Porque assim, a minha graduação, a História, ela tem uma questão muito complexa com o ensino de História, com a parte do ensino. E essa parte é a que eu tenho mais interesse. Então, eu não estava me encontrando ali dentro ainda enquanto professora. Enquanto historiadora, nossa! É uma faculdade excelente, que tem aquele título da melhor da América Latina, mas dessa parte do ensino de História e do ensino em geral, eu não estava satisfeita. Eu pensava: Ai meu Deus, talvez eu vá para Pedagogia! Eu já tô aqui há muito tempo na graduação, o que eu faço? E aí no PET, eu realmente encontrei o que estava faltando, sabe? E eu achava que era só aquilo que estava faltando, mas claro eu fui vendo que é sempre bom achar mais coisas, encontrar mais coisas, enfim. Mas ali no PET foi o início dessa jornada. E aí vendo essas fotos, esse vídeo, eu penso: Esse tempo ao mesmo tempo que eu não sabia nada, eu já estava sabendo muita coisa. Porque assim, toda a experiência que eu tive no PET, eu sei que toda experiência é nova. Só que no PET foi uma experiência completamente nova. Acho que desde que eu entrei na graduação talvez tenha sido o primeiro momento depois que eu entrei na faculdade, de uma coisa totalmente nova, sabe?***

*E aí vendo essas fotos, **eu lembro da época que eu entrei no PET, e eu não sabia nada de nada.** Nenhum processo, nenhum assunto. E eu fiquei pensando: **Eu tô totalmente perdida aqui, o que eu estou fazendo aqui dentro?** E ao mesmo tempo, vendo essas fotos já no final do projeto, a gente desenvolvendo dentro da escola, e falando: **Meu Deus, eu fiz aquilo tudo! Eu sei aquilo tudo, sabe? E aí traz um sentimento muito gostoso de viver aquelas coisas pela primeira vez e aprender aquilo.** E pensar ao mesmo tempo: **Hoje em dia, se eu fosse desenvolver aquele mesmo projeto, seria totalmente diferente. Mas ainda bem que eu vivi aquele momento daquela forma** (Gabriela, 2023, grifo nosso).*

Gabriela continua dizendo por que seria diferente:

***Seria diferente [...]. Por ter passado pelo PET presencial, por eu ter passado pelo PET online. Por agora eu estar dando aula no final da minha graduação.** E também porque eu estou mais velha, **tem todo um amadurecimento pessoal, sabe? E aí talvez eu tratasse coisas com as crianças, detalhes diferentes.** Ou talvez a gente fizesse aquela peça que a gente fez de uma forma diferente. **Mas assim, se o projeto fosse o mesmo, pegasse a metodologia na minha mão, eu tenho certeza que o desenvolvimento seria diferente por causa disso tudo** (Gabriela, 2023, grifo nosso).*

Olhar para si mesmo, sob o enfoque da dimensão formativa e transformadora, impulsionado pelo toque narrativo com que cada sujeito vai contando e tecendo os processos vividos pela experiência que constrói em suas tessituras singulares e subjetivas, ajuda a produzir um amálgama de saberes, conhecimentos e experiências desse sujeito implicado neste movimento de narrar (Morais, 2022). Assim, vislumbramos que isso pode ter acontecido com Gabriela, ao rever, descrever e se emocionar com as cenas que contam parte da sua história, no/com o Grupo PET, antes da pandemia, mais especificamente em 2019, com a escola.

A importância atribuída aos saberes advindos dessa imersão provocou na licencianda a valorização e o reconhecimento daquele espaço de formação (o Grupo PET), principalmente, porque as experiências e as aprendizagens profissionais desencadeadas naquele período, derivaram das contínuas relações mantidas com o seu futuro ambiente de trabalho: a escola (Nóvoa, 2020).

Dando continuidade ao compartilhamento de outros saberes/fazer na formação, nesta mesma Roda de Conversa, Ana Carolina afirmou:

Eu senti saudades, senti muita nostalgia. E lembro do medo que eu sentia das crianças me detestarem. Que foi confirmado! Eu acho que as crianças não gostaram de mim. Acho que por eu ser mais tímida, e esse medo me travou de interagir mais. Na cozinha elas interagiram mais comigo, mas em geral elas ficaram mais reclusas. Mas o resto do pessoal, eles gostaram bastante. Assim, eu sinto muita saudade e vi que eu fiz certo em escolher o PET. Consegui participar do PET! Eu lembro que eu e Gabi éramos as últimas [classificadas no processo seletivo] e querendo entrar no PET. Porque assim, eu sou reclusa, eu sou tímida. E eu queria ter um desenvolvimento, principalmente pessoal. Sendo muito honesta, eu sempre falei com a tutora, eu não sabia o que era interdisciplinaridade, o que era projeto. Mas eu via meus amigos entrando ali e saindo de outra forma. E eu queria ser de outra forma, sabe? E eu vejo que consegui melhorar bastante. Conseguir falar em público para mim era uma dificuldade muito grande. E eu consegui falar. Por mais que as crianças, na minha concepção não tenham tido tanta afinidade, mas eu consegui trocar com elas. Eu consegui conversar com elas. Então, para mim foi um ganho enorme. Tanto para mim como para o grupo, a gente se divertiu bastante. Assim, a sensação é de como eu me diverti estando num ambiente que tinha ensino, tinha educação. Estava tudo planejado para que fosse uma aula, mas uma aula divertida para as crianças. Foi muito bacana (Ana Carolina, 2023, grifo nosso).

Encorajada pelo toque narrativo, verificamos no excerto anterior que Ana Carolina transborda lembranças que segundo ela refletem uma nostalgia boa: momentos de solidão, tempos de encontros e atravessamentos compartilhados que a ajudaram a conhecer um bordado que se revelava para ela e para os outros, ao mesmo tempo em que deixava transparecer o risco que o guiou (Soares, 2001; Bragança, 2023).

Observamos nos depoimentos dos petianos egressos (Júlia e Diego) que participaram da Roda de Conversa remota, que a oportunidade de rememorar o vivido, a partir do vídeo que exibimos, desencadeou interpretações sobre o passado, conforme apresentado por Júlia em seu depoimento:

Acho que foi um resgate de memória. Veio na minha cabeça toda a construção desde o início, um construir-se, enquanto eu, e grupo, né? Eu lembrei de toda a parte do processo. Por onde a gente caminhou, o que a gente fez, a fotografia é mágica por isso. A gente olha e consegue relembrar. Foi muito

legal esse vídeo! *Eu sou meio chorona, né? Então, eu até me guardei para não chorar aqui. **Eu achei muito lindo participar desse projeto** com as pessoas, **ter o convívio todos os dias**, né? **Lembrar das coisas que eu abdiquei para estar no projeto**, sabe? Tudo o que eu fiz. E acho que **me deixou feliz e também emocionada** (Risos) (Júlia, 2023, grifo nosso).*

*Nossa! **Eu tive a mesma sensação! Tinha coisa que eu nem lembrava! E aí, quando vê, volta de fato naquele momento. Uma sensação boa. [...]. Parece que foi tudo muito recente! Se formos parar para pensar tem quase quatro anos. Foi 2019! Eu tive a sensação de algo bem recente. Vendo assim, eu lembro até das coisas que a gente falava nos encontros. É uma sensação diferente porque eu acho que **agora, estando distante, a gente consegue entender o que a gente não entendia naquela época. Um amadurecimento com certeza! Vivo muito isso na prática hoje** (Diego, 2023, grifo nosso).***

Inspiradas pelas palavras de Júlia e Diego refletimos sobre as construções das versões de nós mesmos que vão acontecendo à medida que vivemos, revivemos e narramos os nossos próprios enredos gerando e alterando sentidos sobre o passado, ao mesmo tempo que projetamos futuros sobre a nossa vida e a docência. Neste enfoque, a reflexão age como componente fundamental de todo o processo, o que exige parar o curso acelerado do tempo, permitir-se retomar as experiências formativas e traduzir essas experiências em narrativas orais, escritas, imagéticas ou videográficas favorecendo um movimento em espiral em torno de nós mesmos. Este movimento, é fundamental para a tomada de consciência sobre quem somos, sobre as escolhas que fazemos, os percursos de formação e a profissão que exercemos/exerceremos (Bragança, 2018).

Nessa perspectiva, entendemos que ao narrar não temos compromisso com a linearidade dos fatos, muitas vezes, contados como lampejos entremeados ao enredo de uma história nem sempre descrita de forma idêntica por aqueles que a viveram. Também não temos como abarcar a totalidade dos acontecimentos, uma vez que seria impossível lembrarmos sempre de absolutamente tudo o que vivenciamos (Bragança, 2023).

Em síntese, “[...] a escuta e a leitura das narrativas [...] [nos] aproximam da complexidade do humano, do perigo, da imprevisibilidade da vida, mas

também fortalecem sonhos e projetos coletivos” (Bragança, 2018 p. 477). Ao narrar, percorremos o passado, na tentativa de buscar, no presente, feixes que ficaram esquecidos no tempo. Nesse momento, não cabe somente trazer as informações, mas provocar em todos que dela se sentem parte integrante, o despertar de outros sentidos, de outras relações.

O ESPAÇO DA ANÁLISE PARTILHADA DAS PRÁTICAS

Numa seleção de fatos e ideias do passado em função dos seus efeitos no presente, após assistirem ao vídeo e relatarem o caminho percorrido pelo Grupo até 2019, a conversa passou a envolver o que se passou em tempos de distanciamento social, com a chegada da pandemia em 2020/2021.

Em relação aos dois primeiros anos de pandemia, procuramos saber o que aconteceu nas vidas, nas relações entre os membros do Grupo e no trabalho realizado pelo PET, mas também buscamos compreender o que pensavam sobre a maneira como isso se deu.

Ao refletirem sobre o assunto, Gabriela e Ana Carolina esclareceram:

Na época da pandemia, em relação ao nosso trabalho, para mim tinham duas situações. Quando a gente chegou na pandemia veio uma leva de estudantes novos também. Não chegou a vir metade do Grupo, eu acho. Mas veio uma boa quantidade, digamos uns oito ou sete alunos novos. E aí, além de ter vindo uma nova leva, essa leva mudou muito também. Porque a pessoa entrava e não podia ficar porque tinha questões internas, questões pessoais. Muito por conta da pandemia também e saía, ou então, achava outro projeto e saía. Ou então, saía da UFF como um todo e saía do projeto. Então, eu acho que as pessoas antigas que já tinham vivenciado o PET presencial, conseguiram fazer com que as relações ali de trabalho fossem melhor desenvolvidas porque já sabiam como tinha acontecido [...]. A gente meio que já sabia o que esperar. E aí tem o grupo novo que entrou, e que além de estar perdido, a maioria das pessoas era caloura. Então, eles estavam entrando no mundo novo da faculdade, do PET, da pandemia e do ensino online. Então, a nossa relação com essas pessoas novas demorou um pouco para pegar no tranco. Porque imagina, a gente não se conhece pessoalmente. Eu só vejo o seu rosto se você ligar a câmera e assim, tem algumas coisas que para a gente conseguir definir no online, como fazer um calendário no online, era muito ruim. Porque assim, no presencial você pega a data e

escreve no quadro, coloca um post it e tal. Mas no online, a gente tinha que anotar no Google Agenda, a gente tinha que mandar por e-mail, tinha que falar com as pessoas, botar no grupo do WhatsApp. Então, a relação não foi uma relação ruim, assim, no sentido de a gente não conseguir desenvolver, mas foi muito complexa. E a parte do trabalho em si, que veio muito em mim, foi a parte da frustração. Porque eu tinha vivido um ano maravilhoso. Eu tinha me descoberto! Eu tinha descoberto de fato o que eu gostava de fazer, tinha me achado ali, na minha graduação e no PET. Porque o PET me complementava muito, não só complementava, mas me preenchia muito, seria a melhor palavra a dizer (Gabriela, 2023, grifo nosso).

Para mim alterou consideravelmente, porque assim, a gente já não tinha aquela interação da sala. Que é outra coisa, não tem aquela conversa informal do dia a dia. Aquela briga do tipo: 'Você não lavou a cafeteira!' Isso faz parte do cotidiano do Grupo. Já está intrínseco até a briga para lavar a cafeteira (Risos). Então, assim, depois disso acabou a briga e vamos focar no trabalho. Ali, na pandemia, a gente dependia de recurso tecnológico, e eu não sei quem tinha e quem não tinha. Eu não tinha! Por exemplo, o meu computador que eu usei para fazer os Podcasts em 2021, se eu não me engano, se não me falha a memória, o meu computador teve que ser jogado no lixo. Eu estou falando pela primeira vez isso. Porque ele parou de funcionar. Eu exigi muito da memória Ram dele. Ele não tinha capacidade para isso. E às vezes, eu demorava 10 ou 15 horas editando um Podcast com um computador lento. Alguém tinha um computador bom? Ninguém tinha! E como a gente vai fazer um vídeo? Como a gente vai gravar alguma coisa se a gente não tem recurso? Eu pelo menos tinha um notebook! Porque tinha gente que ganhava aquele Chromebook. E aquilo era uma coisa horrorosa para o aluno. Então, como é que você vai trabalhar numa era de mídia digital com um computador que não funciona o mínimo possível? Ah, a gente utiliza sites, isso ou aquilo para tentar amenizar, mas o grosso mesmo, aquilo que os alunos queriam ver eram coisas que eram produzidas. E não é falta de criatividade, o áudio fica ruim. Eu vou ser sincera, você vê uma coisa por 10 minutos com a imagem falhando e você não aguenta 10 minutos de um áudio ruim. Não aguenta um chiadinho! E a gente fazia o máximo que era possível! Fora que a gente não conseguia conversar com as pessoas. A conversa se tornou um hábito de fechar a janela. Eu mesma não abria a janela porque eu estava com o cabelo parecendo um troço. A gente foi se descuidando e isso foi refletindo no nosso dia a dia. Porque eu não preciso me arrumar! Porque não tinha aquela questão: 'Vou botar uma roupinha e vou para a faculdade. Cortei a rotina, vou sair de casa, vou para a faculdade!' Ali, a sua casa era a faculdade. E era chato para a gente. Era com certeza puxado para os alunos. Não só chato,

era frustrante! Porque a gente vê um projeto que a gente botou sangue, suor e lágrima. A gente fez um projeto tão lindo! Então, para mim foi muito limitante, principalmente com relação ao recurso tecnológico e internet também (Ana Carolina, 2023, grifo nosso).

As reflexões de Gabriela e Ana Carolina nos levam a destacar que as situações vividas na pandemia, ocasionadas pelo Covid-19, provocaram alterações substanciais quer do ponto de vista econômico, sanitário, cultural ou social na vida das pessoas. Isso não poderia ser diferente no Grupo PET que precisou criar alternativas e lidar com dificuldades que incluíam as relações interpessoais. Dito de outro modo, no ponto de vista das duas petianas egressas, a chegada da pandemia provocou mudanças no comportamento e na rotina diária das pessoas que afetaram, em alguma medida, as relações e a construção dos processos vividos pelo Grupo que naquela ocasião estava circunscrito à comunicação via telas de um computador e/ou de um celular.

Para além do contexto do PET, este cenário provocou efeitos emocionais em níveis variados, considerando que, apesar de não termos ainda a exata compreensão sobre as consequências da situação de isolamento e da própria doença, foco da pandemia.

Na fala de Ana Carolina, a relação com o cotidiano demarcou um tempo de vivências importantes no Grupo, a relação entre os diferentes, ou seja:

Em casa, estamos num lugar que é nosso; na [escola/universidade], num lugar que é de muitos: e ninguém se educa sem iniciar uma viagem com os outros. A grande vantagem da [escola/universidade] é ser diferente da casa (Nóvoa; Alvim, 2021, p. 6).

Portanto, o “[...] isolamento não é a ambiência mais propícia às nossas formas de vivência e de aprendizagens, considerando que as aprendizagens humanas não são somente puramente cognitivas e que criamos necessidades afetivo-sociais que importam” (Gatti, 2020, p. 34).

Para Júlia, o que marcou as práticas partilhadas no/pelo Grupo foi a transição da vida presencial para um trabalho realizado integralmente no formato online:

[...] o projeto é essencial no presencial. A gente consegue adaptar algumas coisas para o online. A gente consegue

fazer uma reunião, mas essa troca que o Diego falou, essa dificuldade da comunicação passa a ser um pouco esquisito e estranho, né? Porque a tecnologia está aqui para melhorar a nossa comunicação. A gente está tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Mas a tecnologia não dava conta disso, porque nós petianos mais velhos tínhamos que fazer a iniciação com esses petianos mais novos, o que exigia da gente essa necessidade de estar perto deles. E no início, pegando também um pouco do que o Diego falou, a gente só vai entender agora o que a gente passou há quatro anos atrás. Então, eu acho, entendendo agora, essa necessidade de fazer a iniciação no presencial. De também pegarem no tranco como a gente pegou. Passar pelas dificuldades que nós passamos. De ter que estar lá todos os dias às duas e sair às cinco. E pesquisar e estudar. [...] eu acho que faltou um pouco disso. Eu penso que contribuiu. Essas pessoas novas com a pandemia e esse afastamento não vivenciaram o que nós vivenciamos. E também compartilho do sentimento do Diego, que a gente falava muito dessa rachadura trazendo para a questão do projeto. Então, serviu para a gente entender e aprender como conviver com outras pessoas, estudar com outras pessoas [...]. Mas eu acho que impactou negativamente (Júlia, 2023, grifo nosso).

Na percepção de Diego, o Grupo parecia estar rachado. Sua reflexão traz considerações acerca da importância das relações em ambientes de formação para a docência, esclarecendo:

Sabe o que eu lembro? Que assim que a gente começou na pandemia, era algo que a gente sempre debatia quando se encontrava no grupão, que a gente falava, né? Até com a presença da tutora, que a gente tinha a sensação do grupo meio rachado. Porque o grupo se dividiu em duas turmas, alguma coisa do tipo. E eu lembro que parecia que tínhamos de fato, dois projetos diferentes. Não parecia que era um PET só, parecia que eram dois PETs. E quando a gente se encontrava era para falar sobre isso. Do tipo, um grupo está fazendo isso, o outro grupo está fazendo aquilo. E quando a gente estava no presencial, a troca era mais direta: ‘eles fizeram isso na escola?’ Então, a gente via e já conseguia tirar algumas coisas desses encontros. E eu acho que isso é o que ficou mais marcado para mim, sabe? Porque de fato teve uma divisão que no presencial não tinha. Era uma divisão menor. E aí, nesse quesito, isso não ficou marcado positivamente. Acho que a gente acabou perdendo muito. Eu fico pensando também quando a gente fala dessa troca do presencial, do virtual, é que teve uma virada de chave muito grande. Principalmente para a gente que já tinha vivido esse processo de pensar o projeto no presencial, porque ficou uma responsabilidade grande também. Porque até então, eram os novos petianos e aí do nada, tem uma mudança que

*vai para o virtual, que a gente não está acostumado. E aí, a gente passa a ser o veterano de uma galera que vem muito forte para a universidade. A maioria estava no primeiro semestre. Eu acho que a Júlia ficou no outro grupo, né Júlia? Eu fiquei em um grupo e a Júlia no outro. **Eu lembro que no meu grupo só tínhamos eu e a Ana Carolina. Só tínhamos nós dois que tínhamos vivenciado o presencial.** Tinha o Emerson, mas ele saiu logo no início. E a Ana teve umas questões de saúde. Ela estava fazendo os vídeos e ficou numa situação difícil. **Então, em alguns momentos, eu me sentia com uma responsabilidade que eu não conseguia administrar. E aí, isso me deu uma travada também.** Mas em relação ao crescimento pessoal foi muito bom. Mas **era uma mudança de chave no momento da pandemia que a gente tinha dúvida até da nossa saúde** (Diego, 2023, grifo nosso).*

Apesar do contexto desfavorável, observamos no relato de Diego manifestações sobre a preocupação que tinha, na época da pandemia, em auxiliar os novos integrantes na iniciação com/no PET, num contexto completamente diferente do que conhecia até então. Embora já tivesse vivido a experiência formativa de estar imerso em um processo contínuo de co-formação, por meio do qual os petianos mais experientes recebem e acolhem os novos petianos; promovem reuniões de estudo da literatura básica e, conjuntamente, elaboram e desenvolvem ações dentro e fora da escola - tais como, participação em eventos, construção dos projetos interdisciplinares e planejamento de atividades pontuais - a conjuntura pandêmica ocasionou desafios impensados até então.

Tendo em vista este cenário, de que maneira seria possível contemplar as especificidades de cada um/a, fomentar a criação de laços e fortalecer a identidade (coletiva) do Grupo, se a convivência diária estava comprometida, as incertezas eram muitas e o distanciamento social era o único caminho? Como poderiam potencializar a criação de oportunidades capazes de ajudá-los a avançar em seus processos de construção de identidades e autoria?

Baseadas nas observações que fizemos no decorrer desta pesquisa e nas explicações dos petianos aqui mencionados, podemos dizer que foi durante aquele período (2020-2021), que os vários episódios causados pela pandemia compuseram uma trama repleta de desafios. Para boa parte não havia solução, uma vez que não dispúnhamos de recurso financeiro destinado à compra de

computadores e ao pagamento de pacotes de dados que permitisse aos petianos utilizar uma internet de qualidade. Outra parcela, decorria da impossibilidade de conviverem e construírem laços de amizade e de confiança, características comuns e necessárias ao andamento de um processo formativo que se dá no coletivo, prima pela criação de um ambiente colaborativo de planejamento e gestão, alicerçado na dialogicidade, na autoria e no partilhamento da liderança.

Ao pedir à Gabriela que voltasse no tempo, pensasse sobre aquele período e explicasse quais foram as dificuldades que o Grupo enfrentou e o que foi feito para superá-las, a licencianda respondeu:

*Eu acho que a **nossa maior barreira** foi quando no início, **assim que estourou a pandemia**, e teoricamente quando o nosso período de trabalho iria voltar **foi para a gente se reinventar**. Porque assim, **a gente não poderia parar o trabalho porque a gente recebe uma bolsa**. Então, **o trabalho tinha que ser justificado**. Mas ao mesmo tempo como que a gente iria trabalhar da forma que a gente sabia, que a gente trabalhava, né? Então, acho que a nossa primeira barreira acho que foi ter que se reinventar, **mas ao mesmo tempo como que a gente vai se reinventar se o nosso projeto é assim**. Se é daquela forma de trabalhar na escola e com o projeto da interdisciplinaridade. Então, a gente pensou: **‘Meu Deus, o que a gente faz agora?’** Não para fazer alguma coisa só para receber a bolsa, mas para a gente trabalhar de fato também. **A gente tem todo um ciclo de trabalho, o Ciclo Jurema e tudo mais**. Então, como que a gente iria continuar o nosso trabalho, sabe? **Acho que essa foi uma das primeiras barreiras porque a gente pensou em mil ideias, mil coisas**. E a gente se perguntou: **‘Mas isso faz sentido? Como é tal aluno? Como a gente trabalha isso?’** Até que a gente chegou com a ideia do Podcast que estava uma febre nessa época porque você podia gravar cada um na sua casa. Mal ou bem, como a Ana falou, os materiais não eram os melhores, mas era o que a gente conseguia levar do nosso trabalho, do nosso debate para o público, né? **E também com as nossas redes sociais**. E nessa época foi o momento que as nossas redes sociais cresceram bastante. **A gente teve contato com várias pessoas através do Instagram**. A gente tentava fazer um conteúdo assim, um pouco mais voltado para a rede social, para descontrair e tudo mais. Mas ao mesmo tempo levando mais informações ali do nosso grupo, dos nossos estudos. **E depois eu acho também que, não chega a ser uma barreira, mas a maior dificuldade foi quando a gente estava tentando o nosso trabalho com as escolas**. Porque assim, a gente não poderia voltar aquele trabalho que a gente tinha antes, mas também a gente não estava satisfeito e querendo só trabalhar com aquilo que estávamos trabalhando nas redes sociais. **Faltava alguma coisa em nosso trabalho e a gente percebia***

claramente que era a escola [...] Porque eu lembro, assim, quando a gente começou a conversar com as escolas, a gente falou: 'Beleza! Quais escolas a gente pode entrar em contato?' Porque a gente tem a barreira da distância, a gente não consegue se locomover para muito distante. Então, a gente fez uma lista de oito colégios. A gente entrou em contato com todos eles. Tentamos falar com vários colégios que a gente já tinha trabalhado, com outros colégios também. Ou não respondiam ou falavam que não dava, que estavam num momento de transição. E aí a gente pensou assim: 'Vamos para o Rio de Janeiro ou para São Gonçalo, porque não tem jeito. E a gente estava desesperado [...]' (Gabriela, 2023, grifo nosso).

No encadeamento da narrativa, Gabriela explicitou o porquê das decisões e das escolhas que foram feitas pelo coletivo. Esclareceu o que a levava a refletir sobre os significados atribuídos e a maneira como atuavam, desvelando como se deram o processo de formação e as mudanças que ocorreram (Morais, 2022). Algo que, também, é abordado por Ana Carolina:

Para superar, a gente tentou criar conteúdo mais abrangente. Conteúdos que os alunos gostassem. A gente pelo menos imaginava e de forma interdisciplinar... No Instagram o pessoal tentava fazer conteúdos bem coloridos para chamar atenção. Tinha legenda que explicava junto com o conteúdo. Tinha o Podcast também [...]. A sensação era de urgência porque o tempo estava passando e nada. E a gente lembrava do presencial e pensava como a gente iria montar um projeto no virtual com todas as dificuldades aos moldes do projeto presencial. E a gente ficava pensando: 'Cadê a escola?' (Ana Carolina, 2023, grifo nosso).

Apesar de boa parte do Grupo ter experiências anteriores à pandemia, a gravidade do quadro sanitário exigiu reflexões e análises, conjuntas, sobre o que aquele coletivo já havia institucionalizado (entre 2014 e 2019) como características e saberes próprios. Isso foi essencial para que propusessem mudanças alinhadas às suas “digitais”, sem perder de vista a gravidade da pandemia; a precariedade material da universidade, das escolas e do próprio PET. Dito de outra forma: O que viveram e aprenderam com os estudos e as experiências anteriores à pandemia e julgavam imprescindível manter? O que sabiam sobre a pandemia e acerca das condições das escolas? O que

pretendiam realizar neste novo contexto e quais eram as reais possibilidades de concretização desse plano?

Um aspecto que chama atenção nas explicações dos egressos do Grupo ao descreverem os desafios do período mencionado, diz respeito aos sentimentos desencadeados naquele período; ao senso de responsabilidade consigo, com o outro, com o Grupo e com o Programa como um todo, o que os levou a agendar várias reuniões visando a troca de ideias, o planejamento e a avaliação dos redirecionamentos necessários. Além desses aspectos, emergiram outros como insegurança na condução do trabalho; respeito às diferenças que se manifestavam na maneira como procediam ante às circunstâncias particulares e singulares de cada um; partilhamento das decisões tomadas, busca pela participação de todos e por critérios de justiça nas diferentes ações. Tudo acompanhado por mim - pesquisadora deste estudo -, permitindo identificar no Grupo um clima que contribuía para o seu caráter formador, conforme expressam os relatos de Júlia e Diego:

*Assim, **quando eu lembro de sentimento, como eu me sinto, principalmente, em relação ao projeto, no início a primeira coisa que me vem é a frustração. É logo a primeira palavra que me vem. Em 2020, o nosso PET tem partes que ele consegue caminhar e tem outras partes que o nosso projeto não consegue caminhar. Eu estava em uma parte do projeto que não conseguiu caminhar, e isso já estava gerando algumas intrigas [...]. E aí, o Podcast conseguiu caminhar e outras partes acabaram não conseguindo. E isso estava gerando algumas situações. E aí, como solução, a gente tentou se integrar às partes que estavam caminhando. Por exemplo, a gente tinha proposto atividades através do Instagram, movimentação do Instagram. Coisas do tipo, mas acabou que em algumas áreas não deu certo. Só que não conseguimos caminhar muito bem e nos integramos ao Podcast. Até para fazer uma maior integração entre os grupos, né? Porque a tutora sentia muito a falta disso. Porque os grupos não estavam se integrando, porque cada um não tinha um trabalho, uma metodologia por dia. Todo mundo tinha que fazer parte do trabalho, do projeto. Eu sinto que no início foi essa frustração, mas depois a gente seguiu caminhando. E depois, eu classifico como tensão... vamos dizer que a nossa entrada na escola foi protagonizada por tensões o tempo todo. A tensão de qual escola a gente iria trabalhar. Quais turmas iríamos ficar? Qual o grupo iria se dividir? Então, eu sinto que foi um período muito conturbado porque foram sentimentos muito fortes. Em 2020 foram frustrações e 2021 foram tensões. Foram sentimentos que deixavam a gente sempre ali***

no limite, sabe? Então, a gente sempre tinha que buscar soluções no 2021, porque nós éramos veteranos. E em 2020 porque eles estavam cobrando da gente. Não era a tutora! Era o MEC, né? Porque a gente recebia bolsa e tinha que produzir coisas. E os problemas em grupo, eu classifico a comunicação. A que mais foi fragilizada entre a gente. Foi muito complicado! A gente tentava aplicar mais reuniões semanais, fazer mais integração entre o trabalho, **mas toda vez que a gente falava do nosso trabalho gerava mais tensões. Sempre um conflito! E isso, foi descaracterizando a gente enquanto Grupo PET e criando dois grupos PET com características diferentes, que defendiam pontos diferentes e problemas dentro do próprio grupo. Diego e Ana assumindo um grupo sozinhos. E no final, sobrou só eu e Gabi do nosso grupo.** Chegou uma parte em que o nosso grupo que tinham oito, nove pessoas, foi ficando com quatro pessoas. **Foram momentos de grandes tensões o tempo inteiro, o nosso 2021. E por exemplo, dentro do nosso grupo, a gente tentou solucionar através de uma comunicação mais aberta.** Chegava e perguntava qual era a real dificuldade. **Fazíamos conversas individuais perguntando qual era o problema, se não estava acompanhando. Víamos quem tinha mais tato para conseguir falar ou tinha mais proximidade para conversar com aquela pessoa. Isso para a gente tentar resolver o que estava acontecendo ali. Então, essas eram as soluções internas** (Júlia, 2023, grifo nosso).

Diego continua a conversa, relatando:

[...] ouvindo a Júlia falar, me identifico muito. Porque de fato, nós tivemos dois anos diferentes de pandemia enquanto Grupo PET. A gente teve o primeiro ano que para mim de longe foi o pior. Porque de fato ficou nesse impasse. A gente, até então, era muito claro o que a gente tinha que fazer no PET. A gente tinha que estar lá, e lá nós tínhamos as nossas funções. E quando isso veio para o remoto no meio de uma pandemia, a gente ficou meio perdido. Estava todo mundo na verdade, bem perdido. A gente tinha essa pressão, porque eu lembro de algo que era bem falado entre a gente: ‘Ou a gente produz, ou o MEC vai cortar’. Não tem o porquê de continuar dando bolsa a um projeto que se fazia no presencial, né? A nossa bolsa vinha disso, de montar o projeto e ir para a escola e a gente não tinha mais isso. A gente não tinha mais escola, a gente não tinha mais aonde aplicar e nem porque pensar o projeto, né? Porque a gente pensa o projeto a partir da escola. Então, foi tudo bem difícil e a gente começou a buscar alternativas. Aí, como a Júlia falou, eu lembro que teve um grupo que ficou bem claro que fazia, que foi o Podcast/PodPET. Foi algo que deu super certo! E eu fiquei numa função que era pensar atividades para colocar nas redes sociais para os pais fazerem em casa. Para você ter

*uma ideia, eu acho que não ficou muito claro e a gente não conseguiu. A gente se reuniu, a gente pensou. A gente fez um ou outro post sobre isso, mas não rendeu. E era isso, **enquanto a gente não rendia tinha o outro grupo que estava produzindo muito. Então, tinha essa tensão dentro do grupo, sabe? Como a Ana, ficava na parte de editar os áudios, eu lembro que ela virava noite editando áudio. Em contrapartida, o meu grupo não estava funcionando, e eu estava sem muita função dentro do PET. Então, ficava essa tensão porque de fato, a gente via gente fazendo muito e tinham outros que já não estavam fazendo mais. Para além de toda essa tensão do mundo pandêmico, tinha uma tensão dentro do PET que às vezes saturava muito, assim, porque tinha uma bolsa, e alguns trabalhando muito. Aí a gente pensava: ‘Vamos desistir?’ Aí acontecia uma reunião com a tutora, todo mundo chorava. E todo mundo voltava (Risos). Mas tinha muito essa tensão (Diego, 2023, grifo nosso).***

A composição do Grupo PET-Inter coaduna com os esclarecimentos de Júlia e Diego nos provocando a entender que o estabelecimento de relações de afeto que visem o desenvolvimento da autoria, da autonomia e o respeito mútuo, dentro de um grupo, requer a criação de meios que promovam e potencializem, nas mais diversas ações, a interconexão entre pessoas na interface com seus interesses. É preciso considerar, também, que os encontros e as trocas entre os pares se dão num espaço de negociação que envolve, continuamente, articulações entre projetos individuais e coletivos na tensão indivíduo/grupo. Nesta direção, a elaboração e o desenvolvimento de projetos coletivos, podem auxiliar no enfrentamento da tensão gerada, resultando não apenas na realização concreta (e conjunta) de algo, mas também na transformação das pessoas que ali se “defrontam”, desvelando processos de formação e de constituição identitária do/no Grupo (Nóvoa, 2019; Warschauer, 2017).

Essas reflexões nos ajudam a alertar sobre a importância de as instituições considerarem e organizarem seus percursos formativos de modo a facilitar e potencializar a troca de saberes, o trabalho em cooperação, a personalização pedagógica, a criação e a comunicação entre os atores envolvidos, com foco em propósitos comuns e não apenas singulares, tomando por referência a construção de conhecimentos profissionais (Nóvoa; 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa da própria experiência é oportunidade com grande potencial formativo, sobretudo quando se trata de estratégia coletiva de análise das práticas. Desse modo, compreendemos que narrar as experiências vividas pode ser o primeiro passo para começar uma conversa que pode se desdobrar em análises mais profundas, quando a narrativa traz a voz dos diferentes atores que delas participaram. São histórias refletidas sobre um grupo que se constrói nesse espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro; do pânico velado de um, da sensatez do outro; da discrição desconfiada de um, da ousadia do risco do outro.

Tomando por base estas orientações e as falas dos petianos, nos arriscamos a questionar: como fazer de cada experiência de vida uma experiência com sentido e, dessa forma, uma experiência formativa? Sob esta ótica, formar professores requer a criação de meios que favoreçam a apropriação de saberes ligados à profissão; a configuração de atitudes, de posturas e de uma forma de pensar pedagogicamente no exercício da profissão.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, I. F. de S. Memoriais em contextos de formação e pesquisa: abordagens narrativas e (auto)biográficas. *Linhas Críticas*, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/47919>. Acesso em: 10 set. 2023.

BRAGANÇA, I. F. S; OSSA, D. L. M. As duas vozes, todas as vozes: encontros biográfico-narrativos em formação entre Brasil e Colômbia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 99, n. 252, 2 ago. 2018. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3312>. Acesso em: 15 set. 2023.

GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estud. av.*, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29-41, dez. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000300029&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 mar. 2021.

LARROSA, J. Tremores: escritos sobre a experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MORAIS, J. de S. Fios e tramas em contextos de pesquisa formação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes. 2022. 1 recurso online (259 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/3274>. Acesso em: 3 set. 2023.

NÓVOA, A. A Metamorfose da Escola. Revista Militar. Lisboa. vol. 72. n. 2616, p. 33-42, jan. 2020. Disponível em: https://www.revistamilitar.pt/recursos/files/2020/Revista_Militar_Jan_2020.pdf. Acesso em: 23 out. 2022.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2021.

NÓVOA, A.; ALVIM, Yara C. Os professores depois da pandemia. Educ. Soc., Campinas, v. 42, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 Set. 2023.

RICOEUR, P. A vida: uma narrativa em busca do narrador. Escritos e Conferência 1: em torno da psicanálise. Edições: Loyola, 2010. Tradução Edson Bini. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4731462&forceview=1>. Acesso em: 10 set. 2023.

SARTRE, J. O existencialismo é um humanismo. In: Os Pensadores v. XL. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SOARES, M. Metamemória-memórias: travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WARSCHAUER, C. Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

V. 9, N. 21, 2025
DOI: [10.29327/268346.9.21-9](https://doi.org/10.29327/268346.9.21-9)

Submetido em mês de 20XX

Aprovado em mês de 20XX

Informações das autoras

Nome da autora: Cyntia de Souza Bastos Rezende
Afiliação institucional: Universidade Federal Fluminense
E-mail: cyntiagaleao.faeterj@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1719-6145>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4997279362766403>

Nome da autora: Mônica Vasconcellos
Afiliação institucional: Universidade Federal Fluminense
E-mail: monicavasconcellos@id.uff.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2938-2121>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3715055413703709>